

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA A LEITURA

**Caso: alunos com dislexia da 3^a classe da Escola Primária nº
1207 do município de Luanda**

Autor: Fernando Pascoal Muanza

Orientador: Judite Maria Kudizemba Kimuenhi, Lic.

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA A LEITURA

**Caso: alunos com dislexia da 3ª classe da Escola Primária nº
1207 do município de Luanda**

Trabalho apresentado ao Instituto Superior de
Angola como requisito na obtenção do grau de
licenciatura em pedagogia, sob a orientação da
Professora: **Judite Maria Kudizemba
Kimuenho, Lic.**

Autor: Fernando Pascoal Muanza

Orientador: Judite Maria Kudizemba Kimuenhi, Lic.

Icolo e Bengo, 2025



INSTITUTO
SUPERIOR
DE ANGOLA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA A LEITURA

**Caso: alunos com dislexia da 3^a classe da Escola Primária N^o
1207 do município de Luanda**

O JÚRI

1- Presidente _____

2- 1^o Vogal _____

3- 2^o Vogal _____

4- Secretario _____

CLASSIFICAÇÃO: _____

Data da Monografia ____/____/____

DEDICATÓRIA

A minha família, em especial, a minha esposa (Fineza Z. N. L. Muanza), pelo seu apoio incondicional, companheirismo e, pelo seu amor, que foi e sempre será uma das forças motrizes de todas as minhas acções;

Aos meus filhos (Eluwina Casimiro Muanza, Heuler Casimiro Muanza, Rogeiro Tuti Muanza e Isabel Nzolazambi Tuti Muanza), que o desejo de ser um dos melhores modelos para as suas vidas, tem motivado a minha auto superação no âmbito académico;

Aos meus pais (Distinto Muanza E Feliciano T. Kiala), pelo dom da vida e pelos sábios ensinamentos que serviram-me de inspiração na minha jornada pela estrada da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador da vida, que me gerou, sustentou, orientou e protegeu até aqui e tornou possível iniciar, continuar e finalizar este trabalho, mostrando-me de certa forma, que sou capaz de vencer qualquer obstáculo;

Aos meus pais (Distinto Muanza e Feliciano T. Kiala), por terem me gerado e orientado os primeiros passos da minha vida;

Aos meus irmãos (Luísa Mateus, Joaquim Mateus, Tomas Baptista, Margarida Mambo, Joana Ângela Mateus e Fernanda Zua), pelo amor que tem por mim e por todo o apoio que deles recebi ao longo da minha formação;

Ao saudoso Dr. Eusébio Domingos, que foi o maior precursor da minha caminhada social, académica e profissional;

Ao meu cunhado Domingos Tuti, pelo seu incansável suor na área de informática e internet na busca e elaboração de conteúdos para os trabalhos académicos;

À Dra. Judite M. Kudizemba Kimuenhi, pela sapiência e pelas orientações, enquanto tutora e por ter servido de inspiração como ser humano e profissional;

Aos meus professores (Dr. Emanuel Calueio, Dr. Álvaro, Dr.^a Manuela Veiga, Dr.^a Madalena João, Dr. António Eduardo Pascoal, entre outros), pelos conhecimentos passados durante o período de formação;

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, intervieram na concretização desse trabalho.

EPÍGRAFE

*O aluno com dislexia deve ser encarado como a fonte de
luta do professor que quer vencer.*

Desconhecido...

RESUMO

O presente trabalho visa abordar sugestões metodológicas para o ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia da 3ª classe. Caso: alunos da Escola Primária nº 1207 do município de Luanda. O tema é actual, pois é um dos principais desafios enfrentados pelos familiares e professores com crianças que apresentam esse problema. O trabalho tem como objectivo geral: Conhecer as estratégias metodológicas que devem ser aplicadas para melhoria do processo de ensino e aprendizagem da leitura aos alunos com dislexia na 3ª classe da Escola Primária nº 1207 do município de Luanda. Os objectivos específicos do trabalho são os seguintes: identificar os procedimentos metodológicos adequados a serem aplicados no ensino e na aprendizagem da leitura para os alunos com dislexia na 3ª classe; analisar a eficácia da metodologia aplicada no ensino e na aprendizagem da leitura aos alunos com dislexia na 3ª classe; por formas a contribuir com sugestões metodológicas para melhoria do ensino da leitura dos alunos. Usou-se o método de observação participante e o questionário para investigar, recolher e analisar os dados que constituem o corpus desse estudo. Os dados obtidos a partir dos pais, encarregados e professores, permitiram-nos aferir, que para a melhoria do ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia na 3ª classe é necessário que os professores tenham formação em Ensino Primário e devem aplicar modelos metodológicos adequados a realidade do aluno com dislexia. Espera-se que este trabalho possa contribuir para uma visão mais realista do ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia.

Palavras-chave: Dislexia, leitura e escrita.

ABSTRACT

The present work aims to address methodological suggestions for teaching-learning of reading to students of 3rd class with dyslexia: -Case of students from Primary School nº 1207 in the municipality of Luanda. The theme is current, as it is one of the main challenges faced by family members and teachers with children who present this problem. The overall objective of the study is to identify the methodological strategies that should be applied to improve the teaching and learning of reading to students with dyslexia in the 3rd grade at Primary School n1207 in the municipal of Luanda. The specific objectives of the study are as follow: to identify the appropriate methodological procedures to be applied in teaching and learning to read for students with dyslexia in the 3rd grade; to contribute methodological suggestions for improving the teaching of reading to students. The participant observation method and questionnaire were used to investigate, collect, , and analyze the data that constitute the corpus of this study. The data obtained from parents, guardians, and teachers allowed us to assess that, in order to improve the teaching to students with dyslexia in the 3rd grade, it is necessary for teachers to have training in Primary Education and to apply methodological models with dyslexia. We hope that this work can contribute for a realistic vision of teaching-learning of reading for the students with dyslexia.

Keywords: *Dyslexia, reading and writing.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Sinais de dislexia em diferentes idades.....	24
Tabela 2. População participante do trabalho.....	31
Tabela 3. População e amostra.....	32
Tabela 4. Amostra (corpus de análise).....	32
Tabela 5. Total de entrevistados.....	36
Tabela 6. Idade dos entrevistados.....	37
Tabela 7. Nível académico dos encarregados de educação.....	37
Tabela 8. Grau académico dos Professor.....	38
Tabela 9. Relação entre encarregado e aluno.....	38
Tabela 10. Professores com conhecimento sobre dislexia.....	39
Tabela 11. Conhecimento sobre o estado do educando.....	39
Tabela 12. Professores que já diagnosticaram dislexia nos seus alunos.....	40
Tabela 13. Professores com formação sobre dislexia.....	40
Tabela 14. Modelo de aprendizagem.....	41
Tabela 15. Estratégias de Ensino.....	42
Tabela 16. Alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita.....	43
Tabela 17. Diagnóstico de alunos com Dificuldades.....	43
Tabela 18. Idade dos alunos com dislexia.....	44
Tabel 19. Disléxicos e não dislexicos podem frequentar a mesma turma.....	44

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	iv
AGRADECIMENTOS	v
EPÍGRAFE	vi
RESUMO.....	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE TABELAS	ix
INTRODUÇÃO	13
CAPITULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1. Definições dos termos e conceitos.....	18
1.1.1 Dislexia.....	18
1.2. Leitura e escrita.....	19
1.3.Aprendizagem da Leitura e da Escrita	20
1.3.1.Sinais da dislexia.....	21
1.4.Diferentes tipos de dificuldades na aprendizagem	22
1.4.1.Discalculia	22
1.4.2.Disgrafia	22
1.4.3.Disortografia	23
1.4.4.Dislexia	23
1.5.Papel do docente e o disléxico	25
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE PESQUISA.....	28
2.1.Tipo de pesquisa.	28
2.1.1. Modelo de abordagem.....	29
2.2. Caracterização da Escola do Ensino Primário nº 1207 do município de Luanda	29
2.3. Estrutura orgânica da escola.....	30
2.4. População e amostra	30

2.6. Técnicas de recolha de dados.....	34
2.6.1. Instrumentos e procedimentos de recolha de dados.....	34
2.6.1. Dificuldades encontradas	35
2.6.3.Procedimentos	35
CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
3.1Apresentação dos dados levantados em campo.....	36
3.1.2. Idade dos entrevistados.....	37
3.1.3. Nível académico dos encarregados de educação	37
3.1.4.Nível académico dos Professores	38
3.1.5.Relação entre o encarregado e o educando.....	38
3.1.6.Conhecimento sobre dislexia.....	39
3.1.7. Nível de conhecimento quanto ao estado do educando	39
3.1.8. Professores que já diagnosticaram dislexia nos alunos	40
3.1.9. Professores capacitados em acompanhamento de alunos com dislexia.....	40
3.1.10. Procedimentos metodológicos adequados a serem aplicados.....	41
3.1.11. Modelos de aprendizagem com alunos disléxicos.....	41
3.1.12. Estratégias de ensino com alunos disléxicos	42
3.1.13. Diagnóstico de aluno com dificuldades de aprendizagem.....	42
3.1.14. Idade de alunos com Dislexia.....	43
3.2. Análise e Discussão dos Resultados	44
3.2.1. Nível académico dos encarregados de educação	45
3.2.2.Nível académico dos Professores	45
3.2.3.Nível de conhecimento quanto ao estado do educando	45
3.2.4.Professores com conhecimento sobre dislexia.....	46
3.2.5.Professores capacitados em acompanhamento de alunos com dislexia.....	46
3.2.6.Professores que já diagnosticaram dislexia nos alunos	47

3.2.7.Procedimentos metodológicos adequados a serem aplicados.....	47
3.2.7.1.Modelos de aprendizagem com alunos disléxicos.....	47
3.2.7.2.Estratégias de ensino com alunos disléxicos	47
3.2.8. Diagnóstico de aluno com dificuldades de aprendizagem.....	48
3.2.9.Frequência de alunos disléxicos e não disléxico na mesma turma	49
CONCLUSÃO.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
RECOMENDAÇÕES.....	513
ANEXOS.....	53
APÊNDICE	59

INTRODUÇÃO

O presente trabalho rege-se ao tema **“sugestões metodológicas para o ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia da 3ª classe”**. É de grande importância, visto que o tema é actual e é um dos principais desafios enfrentados pelos familiares com crianças que apresentam esse problema, uma vez que o atraso em termos de aprendizagem na escrita e na leitura, acaba por criar dificuldades no crescimento e desenvolvimento da capacidade da criança ou do aluno. Cuja abordagem propõe sugestões metodológicas que contribuem no ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia.

Ler e escrever exigem novas habilidades a vida diária da criança, até ao momento em que ela ingressa para a escola; aparecem novos desafios relacionados com o conhecimento da linguagem, tornando-se numa tarefa complexa para os alunos nas classes iniciais.

As mesmas possuem dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita assimilam, mas com lentidão. Por outro lado, todas as crianças aprendem a ler e escrever da mesma forma, mas algumas vencem as dificuldades dessa aprendizagem, com maior facilidade do que outras (Morais, 2012).

Todos os professores já observaram de certa forma em determinado momento da sua carreira, o problema de certos alunos com dificuldade na leitura e na escrita.

Em algumas situações, nem a escola nem a família se apercebe dessa situação, o que torna difícil a resolução do referido problema.

A dislexia figura num transtorno que pode ocorrer com qualquer aluno na fase inicial da formação.

Um problema é um facto ou fenómeno que ainda não possui resposta ou explicações. Trata-se de uma questão ainda sem solução e que é objecto de discussão, em qualquer área de domínio do conhecimento, cuja solução será possível por meio da pesquisa (Kapitiya, 2014).

O problema serve na pesquisa científica como a ponte de partida que alavancará todo processo.

Este fenómeno pode ser resultante da má aplicação das estratégias metodológicas por parte dos professores ou um factor neurológico causados por um distúrbio psicológico na criança. Tendo em conta este problema, com o propósito de contribuímos com sugestões metodológicas, formulamos a seguinte pergunta de partida:

Que estratégias metodológicas devem ser aplicadas, no ensino-aprendizagem da leitura para os alunos com dislexia na 3ª classe da Escola Primária nº 1207 do município de Luanda?

Hipóteses

A hipótese é uma suposição que serve de ponto de partida para a realização de uma pesquisa. Consiste numa afirmação, que o pesquisador entende como verdadeira e que tentará comprovar ao longo da pesquisa. É uma pré-solução para o problema levantado (Junior, 2015).

H1: Para melhorar o processo de ensino-aprendizagem da leitura dos alunos com dislexia na 3ª classe, da Escola Primária nº 1207 do Município de Luanda é necessário que os professores tenham formação em Ensino Primário;

H2: É imprescindível adaptar os conteúdos das aulas a realidade do aluno com dislexia na Escola Primária nº 2107 do município de Luanda;

H3: Acompanhar rigorosamente as tarefas dos alunos da 3ª classe com dislexia para o aprimoramento ao grau de aprendizagem.

Objectivos

Apresentam se nesse item a finalidade da pesquisa. Essa apresentação ocorre em dois momentos, em que é subdividido. No primeiro momento temos o objectivo geral que consiste no fim último da pesquisa e no segundo momento temos os objectivos específicos que é aparte da operacionalização e materialização do objectivo geral (Kapitiya, 2014).

Geral

- Conhecer as estratégias metodológicas que devem ser aplicadas para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem da leitura aos alunos com dislexia na 3ª classe da Escola Primária nº 1207 do município de Luanda.

Específicos

- Identificar os procedimentos metodológicos adequados a serem aplicados no ensino-aprendizagem da leitura aos alunos com dislexia na 3ª classe da Escola Primária nº 1207 do município de Luanda;
- Analisar a eficácia da metodologia aplicada no ensino-aprendizagem da leitura aos alunos com dislexia na 3ª classe da Escola Primária nº 1207 do município de Luanda;
- Contribuir com sugestões metodológicas para melhoria do ensino-aprendizagem da leitura aos alunos com dislexia na 3ª classe da Escola Primária do município de Luanda.

Delimitação e limitação

Não sendo possível abarcar todas as dimensões do fenómeno desta investigação, foi necessário estabelecer alguns pressupostos orientadores e algumas delimitações no campo desta pesquisa.

Assim sendo, na delimitação, temos que analisar três elementos fundamentais, população a estudar, análise da situação problemática e a definição do objecto de estudo.

- a) **Delimitação:** O estudo realizou-se na Escola Primária nº 1207 do município de Luanda, no intervalo de tempo de cerca de 6 meses.
- b) **Limitação:** O nosso estudo limitou-se aos alunos da 3ª classe, foram também entrevistados os encarregados de educação desses alunos, sendo que os pais são os primeiros a acompanharem os mesmos a partir de casa.

Justificativa

A justificativa deve ser redigida em dois momentos, uma abordagem pessoal e outra generalizada dos resultados que espera obter (júnior, 2015). Portanto, dentro dessa afirmação do autor, nós desenvolvemos os dois parâmetros da justificativa.

A maneira como tem sido ministrado o processo de ensino-aprendizagem da leitura para os alunos com dificuldade de aprendizagem específica nas Escolas do Ensino Primário em Angola, tem levantado inúmeras questões por parte dos especialistas ligados as ciencias educacionais e tem despertado interesse para várias investigações, tendo em conta a especificidade dos alunos com dislexia.

No nosso caso, a ideia de apresentarmos o estudo sobre *Sugestões metodológica para o ensino-aprendizagem da leitura para alunos com dislexia* partiu de duas razões diferentes, porém interligadas: (1º). *Como estudante do curso de Pedagogia*; e (2ª). *Como professor do Ensino Primário*.

Como estudante do curso de Pedagogia, as matérias aprendidas nas demais cadeiras que compõem o plano curricular do nosso curso motivaram-nos a reflectir, profundamente, sobre as práticas de ensino no nível de aplicação do nosso estudo com o propósito de trabalhar com alunos com dislexia. *Como professor do Ensino Primário*, o défice de informações sobre a dislexia nas Escolas do Ensino Primário em Angola, chamaram-nos a atenção e despertaram em nós o interesse de fazer um estudo a este respeito, com vista a sugerirmos estratégias metodológicas que possam contribuir para o ensino-aprendizagem da leitura para os alunos com dislexia.

O problema do nosso trabalho é resultante das dificuldades apresentadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem da leitura a alunos com dislexia na 3ª classe da Escola Primária nº 1207 do município de Luanda.

Estrutura do Trabalho

Na expectativa de apresentarmos um estudo que contribua com sugestões metodológicas para o ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia na 3ª classe da escola do Ensino Primário nº 1207 do município de Luanda, entendemos

estruturar o nosso trabalho em três capítulos. O primeiro refere-se aos *Pressupostos Teóricos e Revisão da literatura* do estudo, no qual apresentamos a perspectiva teórica do trabalho, concepções de dislexia, leitura e escrita, sinais da dislexia, tipos de dificuldades de aprendizagem e o papel do docente. O segundo fala do tipo de *pesquisa e da abordagem*. Com este capítulo, descrevemos o campo de estudo a Escola do Ensino Primário nº 1207 do município de Luanda, com a *discrição da população e amostra da pesquisa, os métodos e materiais* da pesquisa. O terceiro capítulo faz alusão à *apresentação, análise e discussão dos resultados*. Neste capítulo, apresentámos os dados retirados dos questionários distribuídos aos pais, encarregados e professores, discutimos os resultados e apresentámos as nossas contribuições referentes ao ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia na 3ª classe da Escola do Ensino Primário do município de Luanda, especificamente.

CAPITULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições dos termos e conceitos

1.1.1 Dislexia

A dislexia é definida como uma dificuldade ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, sendo o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Ao contrário do que muitos pensam a dislexia não é o resultado da má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconómica ou baixa inteligência (Carreira, 2016).

A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem específica cada vez mais presente nas escolas e responsável pelo insucesso escolar de alguns alunos. No entanto, é importante referir que, apesar de toda a informação e todos os recursos disponibilizados sobre esta temática, existe ainda um grande número de crianças em idade escolar que não estão referenciadas

Para (Simões, 2020), a dislexia é uma dificuldade relacionada à escrita que, por sua vez, interfere directamente no sistema de leitura, ou seja, durante o ato da escrita, o cérebro não descodifica a grafia da letra com sua real sonoridade.

O termo dislexia é oriundo de dis= distúrbio e lexia que, em grego, significa linguagem e, em latim, leitura, sendo assim, dislexia é um distúrbio de linguagem e/ou leitura. A dislexia é reconhecida por apresentar dificuldades no reconhecimento preciso de palavras (identificação de palavras reais) e na dificuldade de descodificação (pronunciar pseudopalavras), e além das dificuldades com a leitura, escrita e soletração, pode desenvolver também deficits em outras áreas cognitivas ou académicas, como na atenção e na matemática (Gonçalves, 2019).

A dislexia não é considerada uma doença e seus sintomas podem ser identificados já na educação infantil. Disléxicos apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relativos à leitura, não estando relacionados a distúrbios visuais e auditivos, ou ainda a problemas psicológicos ou socioculturais.

Segundo a Associação Brasileira de Dislexia, a dislexia é definida como uma dificuldade ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, sendo o distúrbio de maior incidência nas salas de aula. Ao contrário do que muitos pensam a dislexia não é o resultado da má alfabetização, desatenção, desmotivação, condição socioeconômica ou baixa inteligência (Carreira, 2016).

A dislexia não é considerada uma doença e seus sintomas podem ser identificados já na educação infantil. Disléticos apresentam um funcionamento peculiar do cérebro para os processamentos linguísticos relativos à leitura, não estando relacionados a distúrbios visuais e auditivos, ou ainda a problemas psicológicos ou socioculturais. A dificuldade central apresentada pelo dislético está em associar o símbolo gráfico às letras, e estas ao som que representam, e também de e organizá-las mentalmente numa sequência temporal.

A dificuldade central apresentada pelo dislético está em associar o símbolo gráfico às letras, e estas ao som que representam, e também de organizá-las mentalmente numa sequência temporal. (Carreira, 2016).

Essa anomalia cerebral pode acontecer por distúrbios genéticos ou distúrbios adquiridos nos primeiros anos de vida, os circuitos e conexões cerebrais não se estruturam devidamente, levando uma insuficiência de ligações entre as áreas responsáveis pela formação da competência de leitura e de escrita e consequentemente a criança passa a ter uma dificuldade muito maior para adquirir a capacidade de entender, memorizar, interpretar e raciocinar conteúdos veiculados pela leitura e pela escrita (Silva, 2021).

A partir dessa definição de base, a dislexia é caracterizada de modos diversos no campo de seu estudo: transtornos específicos de leitura; deficit linguístico que dificulta a aprendizagem da leitura, escrita, soletração e decodificação; troca de letras; dificuldade com sentido espacial; dificuldade de decodificação. (Carreira, 2016).

1.2. Leitura e escrita

No caso da leitura, o aluno com dislexia tende a demorar um pouco mais de tempo para conseguir ler e normalmente se sente um pouco constrangido quando

lhe é solicitado que essa leitura seja realizada em voz alta para toda a turma. Neste cenário, também é importante que a fonte de escrita para este aluno seja adaptada, sendo uma fonte com tamanho maior e com uma escrita mais clara, como por exemplo: arial, calibri, times new roman (Simões, 2020).

A dislexia é considerada como uma Dificuldade de Aprendizagem (DA), que apresenta como principal característica o baixo rendimento escolar, devido à dificuldade de reconhecer e decodificar as palavras. Dessa forma, a leitura, que para muitos é considerada um processo natural, para os disléxicos é vista como algo complexo e considerada um factor de insucesso escolar.

1.3.Aprendizagem da Leitura e da Escrita

Os alunos que entram no 1º Ciclo do Ensino Primário apresentam uma grande diversidade no domínio oral e da escrita, uma vez que cada criança tem o seu próprio ritmo de aprendizagem e é um ser único na sociedade.

Portanto, ler e escrever são importantes habilidades no processo de alfabetização, mas ter domínio e compreensão do que se escreve representa para o letrado uma participação social efectiva (Silva, 2021).

O uso social da escrita e da leitura compreende formatos e espaços que vão além dos convencionais. Nas sociedades actuais, elementos como a imagem, o som, a música, a tecnologia, compõem o conceito de escrita em sua amplitude, adequando-se ao perfil dos novos indivíduos e os meios aos quais estão inseridos.

Segundo (Carreira, 2016), existe uma discrepância entre o potencial cognitivo de aprendizagem da pessoa acometida de dislexia e o seu desempenho escolar. Segundo o autor, indivíduos disléxicos apresentam capacidade cognitiva apropriada e inteligência na média ou superior a média, mas, apesar destas características propícias à aprendizagem, apresentam dificuldade na aquisição e uso das linguagens.

A dislexia é um transtorno específico da aprendizagem, de origem neurológica, que diminui a capacidade do sujeito de soletrar e decodificar signos escritos.

O professor tem, nesta fase de aprendizagem da leitura e da escrita, um papel fundamental, este deve ser claro, metódico e ordenado, de formas a que os alunos consigam interiorizar o processo de aprendizagem de forma simples, conhecendo e compreendendo as regras de leitura e adquirindo hábitos de leitura.

1.3.1.Sinais da dislexia

Para Ribeiro & Baptista, citados por (Simões, 2020), pais, educadores e professores devem ter em conta dois indicadores precoces da dislexia, a história pessoal do aluno e a sua linguagem, permitindo assim uma intervenção precoce.

De acordo com (Silva, 2021), é simples detectar uma criança com dislexia, uma vez que as suas capacidades para produzir e aprender palavras ou letras ou cantar fazem parte das suas aptidões fonológicas que podem não se desenvolver de forma habitual. A mesma autora refere que “a primeira pista indicadora de dislexia pode ser um atraso da linguagem falada” aos cinco ou seis anos de idade uma criança deve conseguir articular a maior parte das palavras de forma correcta, as crianças com dislexia demonstram dificuldades na articulação de palavras, esta é uma outra pista indicadora de dislexia.

Por se tratar de um transtorno que reflecte directamente na escrita das palavras, a dislexia não pode ser desvinculada à sonoridade e consciência fonológica do aluno, uma vez que este transpõe para a leitura a mesma dificuldade apresentada na escrita e vice-versa.

Além disso, considera-se pertinente que durante todo esse processo, os professores sejam sinceros com os alunos que apresentam a dislexia, falando de forma clara e objectiva sobre as adaptações realizadas em termos de conteúdos e actividades, porém, sempre de modo empático e acolhedor, para que isso não seja motivo de constrangimento para esse aluno e acabe por se tornar um bloqueio maior em sua aprendizagem.

1.4.Diferentes tipos de dificuldades na aprendizagem

A figura 1 apresenta nos quatro tipos de dificuldades na aprendizagem, dentro desse quatro tipos de dificuldades na aprendizagem, nós vamos abordar de forma prática a dislexia.

1.4.1.Discalculia

A palavra discalculia refere-se à dificuldade de realizar operações matemáticas, algum dos sintomas são a organização, classificação, confusão da linguagem matemática e dos símbolos matemáticos.

(Ferreira, 2019) Refere que na discalculia a criança tem dificuldades em fazer cálculos simples e problemas matemáticos; a fazer a substituição de um número por outro; na inversão dos números (por exemplo, 6 por 9); a alinhar os símbolos e, também na leitura e escrita símbolos matemáticos.

1.4.2.Disgrafia

O conceito de disgrafia refere-se a uma dificuldade de aprendizagem específica em relação à fluência da escrita. Alguns dos sintomas prendem-se com a formação e desenho das letras, isto é, espaçamentos inconsistentes, dificuldades na pressão e preensão da escrita.

Segundo Rodrigues (Ferreira, 2019)“, a disgrafia é uma perturbação de tipo funcional na componente motora do ato de escrever, que afecta a qualidade da escrita, sendo caracterizada por dificuldade na grafia, no traçado e na forma das letras, surgindo estas de forma irregular e disforme e rasurada”.

(Ferreira, 2019), refere, que existem dois tipos de disgrafia, disgrafia do tipo disléxica, com características idênticas às da dislexia e disgrafia motora, “descoordenação ou alterações psicomotoras”, como movimentos gráficos dissociados, falta de tonicidade, “sinais gráficos dissociados” e manipulação incorrecta do instrumento de escrita.

1.4.3.Disortografia

“A disortografia é um transtorno específico da composição escrita devido a uma perturbação na aquisição de ortografia e sintaxe, caracterizada por um conjunto de erros na escrita e pela dificuldade persistente e recorrente de organizar, estruturar e compor textos escritos (Ferreira, 2019)

Disortografia é a dificuldade de aprender e desenvolver a escrita. É caracterizada pelos erros ortográficos e pontuação, dificuldade em planificar textos e pouca clareza na produção dos mesmos.

1.4.4.Dislexia

A dislexia é um transtorno neurobiológico, as crianças com este transtorno apresentam dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita; problemas na memorização de palavras; distraem-se facilmente e por curtos períodos de atenção.

Sendo a dislexia o tema central deste relatório, os próximos pontos abordados dizem respeito a estas dificuldades de aprendizagem específica, nomeadamente o que é, como se manifesta, qual a sua relação com a fluência de leitura e a consciência fonológica, como a tecnologia pode apoiar a intervenção educativa e qual o papel do professor.

Abaixo temos a tabela que nos apresenta os principais sinais da dislexia em diferentes idades, a tabela é muito clara quanto as questões específicas dos alunos e as suas respectivas idades.

Sinais de dislexia em diferentes idades	
Dos 3 meses aos dois anos	- desorientação de percepções; - ritmo de palavras acelerado;
Dos 2 aos 6 anos	- dislalias; - omissão de fonemas; - confusão de fonemas; - inversão de fonemas; - vocabulário pobre; - dificuldades na expressão; - baixo nível de compreensão;
Dos 6 aos 8 anos	- inversão de letras; - cópia de um texto com erros ortográficos; - omissão de letras ou palavras; - leitura hesitante; - produção em espelho; - confusão entre letras semelhantes em forma e em som; - omissões de letras; - conhecimento deficiente do léxico; - vocabulário fraco; - problemas de memória;
9 anos	- consciência das suas dificuldades; - incapacidade na escrita; - erros ortográficos, semânticos e sintáticos; - dificuldades na estruturação de frases; - adequação e aplicação de tempos verbais; - falta de concordância; - dificuldades de expressão - dificuldades de compreensão.

Tabela 1. Sinais de dislexia em diferentes idades

1.5.Papel do docente e o dislético

A figura do professor é elemento fundamental para o bom desempenho do processo de aprendizagem, levando-se em conta que este actue como mediador das realidades.

Por tanto é preciso que haja condições e conhecimentos que o permitam identificar diferentes formas de dificuldades na aprendizagem que possam surgir na sala de aula.

O docente exerce uma função essencial na trajectória escolar do educando com dislexia, pois é ele quem realizará o pré-dianóstico necessário em caminhar esses disléticos para os profissionais responsáveis especializados nessa síndrome. O primeiro passo para se descobrir uma estratégia de intervenção junto ao dislético é realizando uma avaliação. Avaliar as dificuldades de aprendizagem não apenas deve detectar que existe uma lacuna significativamente entre o potencial para aprender mais, também deve estabelecer que a criança teve oportunidades adequadas de aprendizagem, investigar e descobrir uma variedade, (Gonçalves, 2019).

O professor deverá ter uma capacitação profissional que envolva a probabilidade em questão, pois ele precisa ser capaz de investigar as causas das dificuldades de aprendizagem de maneira ampla, facilitando o encaminhamento da criança a um especialista que orientará esse professor a lidar com a situação.

Portanto é essencial reconsiderar a prática pedagógica e incitar o professor a buscar conhecimento nas diferentes áreas do saber abarcadas na educação.

Dessa feita, podemos dizer que o professor desempenha um grande papel no diagnóstico, e acompanhamento tão logo se verifica que o aluno apresenta problemas na escrita e na leitura.

Por meio de observações feitas pelo professor, em relação a leitura, compreensão e agilidade em reconhecer as letras e juntá-las para formar as palavras de forma dinâmica e prática, a escola poderá comunicar aos pais e aplicar um método que facilite e recompense as dificuldades as dificuldades de

aprendizagem, que o aluno possui. Se o docente não der a devida importância a esses detalhes, ignorando-os, achando mais fácil considerá-lo preguiçoso e desatento, estará contribuindo cruelmente neste processo de má formação linguística (Gonçalves, 2019).

Uma educação capaz de identificar as dificuldades específicas de disléxicos pode contribuir para o seu desenvolvimento, além de disponibilizar um tratamento interdisciplinar com participação de uma assistência terapêutica, sempre periodizando um tratamento.

Vale ressaltar que o docente também deve avaliar o seu aluno e identificar qual prática deverá utilizar, levando em consideração a maneira como o aluno aprende, reconhecendo suas habilidades, conhecimentos prévios e seu papel de sujeito da acção no processo educacional (Carreira 2016).

Cabe ao professor despertar no aluno disléxico o interesse pelo saber, se isso não acontece este aluno não desenvolve sua criatividade e capacidade para a criança e seu desempenho real em uma ou mais áreas escolares, construir sua própria história de vida, por isso é importante que o professor conheça o universo cultural desse aluno.

Existem várias situações importantes em que o professor deve renovar sua prática pedagógica, principalmente nas situações onde a dificuldade de aprender entender persiste.

Pela falta de formação e de conhecimentos sobre o assunto, existe a grande probabilidade de o docente culpar o aluno pelo insucesso, assim, o professor não pesquisa e nem procura estudar e utilizar outros métodos para que a criança aprenda e entenda o conteúdo da melhor forma entendendo e respeitando a sua individualidade.

É importante que o disléxico não fique afastado nem das demais crianças nem do professor. Oferecer oportunidade desta criança ir ao quadro para participar da correção, escrever palavras de um ditado, a fim de que ela se sinta tão capaz quanto os outros.

Promover a interacção entre todos da turma, inseri-lo em grupos de trabalho que não visem somente a produção escrita, mas outras formas de demonstrar a aquisição de conhecimento, actividades que valorizam a oralidade, etc. (Correia, 2016).

Na escola, sempre houve disléxicos e, muitas vezes, os alunos com esse distúrbio não são ensinados e nem tratados de maneira correcta. Ao invés de uma abordagem pedagógica favorável, o que o aluno acaba recebendo são conteúdos e metodologias que não atendem as reais demandas do aluno, daí suas dificuldades de aprendizagem tendem a se intensificar e permanecerem por muito tempo.

Abordagens e métodos globais e dedutivos são de difícil compreensão para o disléxicos, então, apresentar-lhe o conhecimento em partes e de maneira dedutiva se torna agradável para este educando. Não indicar livros apenas para leituras paralelas. É fundamental proporcionar outras experiências que possam contribuir para o alcance dos objectivos previstos, como assistir a um filme, um documentário, uma peça de teatro, visitar um museu, um laboratório, uma instituição, empresa ou recorrer a versões em quadrinhos, em animações ou em programas de informática (Careira, 2016).

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia constitui-se num elemento obrigatório nos projectos de pesquisa exploratória, descritiva e experimental, porque o pesquisador deverá descrever todos os passos utilizados na realização do estudo (Júnior, 2015). O autor afirma que a metodologia de uma pesquisa para trabalho de fim de curso é constituído pelos seguintes elementos, caracterização da pesquisa, população, amostra, instrumentos de recolha de dados, procedimentos utilizados para a recolha de dados e análise dos dados.

Segundo (Gill, 2018), o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento. Para que seja considerado conhecimento, é necessário a identificação dos passos para sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilitou chegar ao conhecimento.

Portanto, podemos afirmar que o método é o caminho escolhido para chegar a um determinado fim, seguindo os procedimentos técnicos que permitem a elaboração científica do trabalho.

2.1.Tipo de pesquisa.

Existem vários tipos de pesquisa, dentre as quais podemos encontrar as seguintes: pesquisa bibliográfica, pesquisa exploratória ou de campo, pesquisa descritiva e pesquisa experimental.

Para a elaboração do nosso trabalho vamos fazer recurso a pesquisa mista, isso é, pesquisa Descritiva, Bibliográfica e de Campo. Visto que será baseada na exposição das características de uma determinada população acerca da realidade estudada, por meio de dados levantados ou recolhidos.

A pesquisa descritiva busca a verificação de factos ocorridos num determinado período de tempo, sem manipular as variáveis que as ocasionam (Júnior, 2015).

Para realização deste trabalho optou-se na utilização de pesquisa mista ou conjunta, ou seja, utilizou-se a pesquisa descritiva, bibliográfica e pesquisa de

campo, visto que foi baseada na exposição das características de uma determinada população, essa amostra populacional foi abordada nos alunos da 3ª Classe.

Para o nosso em concreto, a abordagem da pesquisa foi feita nos encarregados de educação e aos professores que lidam diariamente com esses alunos, visto que eles ainda são muito novos para responderem as perguntas, fomos obrigados aplicar o questionário nos seus responsáveis e os seus mentores académico.

As pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenómeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis (Júnior, 2015).

Assim, aproveitamos expor nesse trabalho de fim do curso, uma abordagem científica sobre os estudantes com atraso na escrita e leitura da escola em causa, a fim de se avaliar o grau de dificuldades que estes estudantes apresentam.

Partindo do princípio de que as questões inerentes ao trabalho de forma geral, foi desenvolvido a partir de obras já feitas sobre o tema em questão, conjugamos esforços dentro desses três pressupostos com a finalidade de podermos apresentar um trabalho capaz de provar e mostrar de forma clara e simples as estratégias metodológicas que se adequam as nossas análise e perspectivas académicas.

2.1.1. Modelo de abordagem

Existem dois modelos de abordagens para trabalhos científicos, estes modelos permitem nos fazer uma análise profunda sobre o tema que estamos a investigar, os modelos são, Quantitativa ou Qualitativa.

No estudo em causa, servimo-nos dos dois tipos, ou seja, vamos utilizar uma abordagem mista, Quantitativa e Qualitativa.

2.2. Caracterização da Escola do Ensino Primário nº 1207 do município de Luanda

O nosso trabalho foi realizado e aplicado na Escola do Ensino Primário nº 1207, reconstruída no longínquo ano de 2006 e inaugurada pelo então Ministro das

Obras Públicas, António Burity da Silva Neto. Isso é, a luz do Decreto Presidencial nº 106/06.

A mesma está situada na província de Luanda, município de Luanda, Distrito Urbano da Ingobota, concretamente, no bairro Patrice Lumumba. A Norte é Limitada pelo Miramar, Distrito Urbano do Sambizanga; a Sul, pelo Kinaxix,i do mesmo Distrito; a Leste, pelo Angoship, do referido Distrito; a Oeste, pelo Cruzeiro do Município do Sambizanga.

A população entrevista é fundamentalmente uma população de classe média baixa, tendo em atenção o grande número de pessoas vivendo grandes dificuldades em todos os sectores, sobretudo em questões sócio económicas.

São populações em que o nível de instrução já garante certa abordagem para temas de interesse geral e não só. Na sua maioria apresentam capacidades informativa bastante consideradas sobre a dislexia.

2.3. Estrutura orgânica da escola

A referida instituição Escolar é do Ensino Primário e lecciona da Iniciação a 6ª classe. Possui catorze (18) salas de aulas, quinze (13) turmas e funcionam em dois (2) turnos.

Em termos administrativos, a escola conta com uma (1) directora, uma (1) subdirectora, um (1) chefe de secretaria, seis (6) elementos ligados a limpeza, trez (3) para a área de segurança e quinze (15) para a área da docencia.

2.4. População e amostra

De acordo com (Júnior, 2016), população é o “somatório dos indivíduos ou elementos, com qualquer característica comum e que estão sujeitos a uma análise estatística, por terem interesse para o estudo, quanto a sua origem, podem ser um conjunto de pessoas, animais, coisas ou acontecimentos.

Assim o nossa pesquisa teve como população participante os pais e encarregados de educação, os professores e alunos da Escola do Ensino Primário do município de Luanda, reconstruída no ano de 2006 e situada no bairro Patrice

Lumumba, distrito urbano da Ingombota, município de Luanda, como ficou descrito acima. Por questões de limitações a vários níveis, escolhemos como população acessível, 103 pais e encarregados de alunos da 3ª classe, 15 professores que passam na 3ª classe e 105 alunos da 3ª classe (corpus de referência) da 3ª classe.

Tabela 2. População participante do trabalho

População (corpus de referência)	Nº de participante	Classe	Escola	Município
Pais e encarregados	103	3ª	Ensino Primário nº 1207	Luanda
Professores	15			
Alunos	105			
Total	223			

Tabela nº 2 elaboração própria, 2024

Amostra é um subconjunto retirado da população, que se supõe ser representativo de todas as características da mesma, sobre o qual será feito o estudo com objectivo de serem tiradas conclusões válidas sobre a população, (Ibden).

Para concretização da nossa pesquisa, a nossa amostra (corpus participante) foram os pais e encarregados dos alunos da terceira classe, os professores que passam na 3ª classe e os alunos da 3ª classe da Escola em referência.

Porém, foram entrevistados um total de 42 indivíduos, sendo 14 professores e 28 encarregados de educação, essas entrevistas foram recolhidas em campo, onde cada encarregado de educação deu a sua opinião quanto sabe sobre dislexia. Foram acompanhados directamente 22 alunos da referida classe, que apresentaram sinais de dificuldades de aprendizagem.

Tabela 3. População e amostra

População	Nº de participante	Nº de amostra	%	Classe	Escola	Município
Pais e encarregados	103	28	27%	3ª	Ensino Primário nº 1207	Luanda
Professores	15	14	93%			
Alunos	105	22	30%			
Total	223	64	29%			

Tabela nº 3 elaboração própria, 2024

Tabela 4. Amostra (corpus de análise)

População (corpus de referência)	Nº de participante	%	Classe	Escola	Município
Pais e encarregados	28	44%	3ª	Ensino Primário nº 1207	Luanda
Professores	14	22%			
Alunos	22	34%			
Total	64	100%			

Tabela nº 4 elaboração própria, 2024

2.5. Nível de estruturação de métodos

(Júnior, 2015), o método é um conjunto de actividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia permite alcançar os objectivos, conhecimentos válidos e verdadeiros traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. São utilizados os seguintes métodos

a). Nível teórico

Analítico - sintético: permitirá fazer uso racional da bibliografia consultada, permitindo descrever os factores que influenciam a produtividade e inovação para o desenvolvimento organizacional.

Histórico lógico: Este método serve para dar suporte e compreender o contexto histórico da importância do ensino da disciplina de Língua Portuguesa na aprendizagem dos alunos, nas distintas épocas da humanidade.

Analítico sintético: Este método de pesquisa possibilitou-nos realizar uma análise de fundamentos teóricos de vários autores mostrando os aspectos convergentes e divergentes assim como analisar os resultados dos instrumentos aplicados e chegar algumas conclusões.

b). Nível estatístico / matemático

Estatístico-descritiva: é para mostrar os resultados da tabulação dos dados obtidos, determinar as distribuições de percentagens e suas respectivas apresentações.

Nesse nível faz-se uma apresentação generalizada sobre o tratamento de dados recolhidos em campo, gerou-se tabelas, gráficos, fluxogramas, bem como apresentação e resultados dos dados.

c) Nível empírico

Permitiu a recolha de dados sobre o fenómeno da dislexia dos alunos da 3ª classe da Escola do Ensino Primário nº 1207.

d) Nível estatístico

Usa-se de forma complementar para resolução das tendências e relações dos fenómenos. Podem ser descritivamente e inferencial para o processamento das informações, que permitem sintetizar, interpretar e apresentar dados percentuais através de tabelas.

2.6. Técnicas de recolha de dados

A palavra técnica vem do grego e significa arte. Se o método pode ser entendido como o caminho, a técnica pode ser considerada o modo de caminhar. Técnica subentende o modo de proceder em seus menores detalhes, a operacionalização do método segundo normas padronizadas (Gill, 2018).

A técnica é um método de recolha de dados que consiste na utilização de uma ficha de observação, a fim de que o pesquisador possa ver, perceber e registar uma informação sobre uma determinada variável (Júnior, 2016).

A elaboração de um trabalho científico é um processo longo e complexo, necessitando ser elaborado em várias etapas. Desta forma, a divisão na elaboração de trabalhos científicos pode ser explícita da seguinte forma: Observações, Entrevistas, observação participante, questionário, etc.

Assim, para o presente trabalho, utilizamos o questionário para recolha de dados, com perguntas fechadas, pois, acreditamos que nos facilitaria no processamento de dados.

2.6.1. Instrumentos e procedimentos de recolha de dados

No presente trabalho, os dados foram tratados de forma mista, qualitativa e quantitativa, ou seja, foram apresentados recorrendo à estatística e a matemática, com suporte ao Microsoft Office Excel e outros programas informáticos que entendermos necessários usar para a construção de tabelas e gráficos.

Os instrumentos mais frequentemente utilizados pelos pesquisadores em pesquisas científicas são, os questionários, as técnicas de observação e os roteiros de entrevistas.

Para o estudo em causa, foi utilizado o questionário e a entrevista com perguntas fechadas, essas entrevistas foram feitas nos encarregados de educação dos estudantes, bem como nos professores que diariamente lidam com os mesmos.

2.6.1. Dificuldades encontradas

Quando a questão é trabalho de fim do curso, existem sempre dificuldades de várias ordens, dentro desse conjunto de dificuldade encontradas, vamos mencionar algumas:

- Dificuldades financeiras;
- Dificuldades na elaboração do próprio trabalho, tendo em conta a inexistência em matéria de metodologia científica;
- Algumas resistências por parte dos encarregados e pais para preencherem os questionários, etc.

2.6.3.Procedimentos

Os procedimentos técnicos de elaboração do trabalho de fim de curso, são os recomendados pela nossa instituição. Escolha e aprovação do tema, contacto inicial com o orientador, procedimentos administrativos inerentes a autorização da pesquisa de campo na referida escola, levantamento de dados bibliográficos referentes ao tema em questão, aplicação dos instrumentos de pesquisa, redacção do trabalho, entrega para aprovação por parte da instituição e por fim apresentação pública

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta secção vamos fazer uma abordagem generalizada sobre a apresentação, análise e discussão dos resultados, partindo do princípio de que os dados levantados ou recolhidos forneçam-nos as informações inerentes ao nosso trabalho, tendo em conta os objectivos traçados.

3.1 Apresentação dos dados levantados em campo

A Pesquisa foi realizada com observações directas na área de estudo, visando diagnosticar e perceber qual é a situação actual dos alunos da 3ª classe da referida escola, olhando para o grau de dificuldades que alguns alunos enfrentam na leitura e na escrita, colhemos informações directas nos respectivos encarregados de educação, pois são estes que convivem com os alunos diariamente em casa, não podemos falar simplesmente com os encarregados sem falar com os professores, esses são os segundos pais das crianças.

Foram feitas entrevistas nos professores que convivem mais tempo com os alunos, os professores são os que mais sabem da vida académica dos alunos, uma vez que os encarregados de educação nem sempre têm tempo para saber como anda a criança na escola.

3.1.1. Total de entrevistados

Total	Masculino	Feminino
42	18	24
100%	43%	57%

Tabela nº 5 elaboração própria, 2024:

A tabela acima mostra-nos a distribuição do total de entrevistados, sendo 18 do sexo masculino e como sempre em maior numero 24 entrevistados do sexo feminino, totalizando assim os 42 da nossa amostragem.

3.1.2. Idade dos entrevistados

Idades dos entrevistados	Total por idade
30 – 35	12
35 – 40	13
40 – 45	11
45 – 50	6

Tabela nº 6 elaboração própria, 2024

A tabela acima, mostram-nos claramente como esta distribuído o número de entrevistados por idade. Temos dois grandes pilares de informação, que nos mostram que maior grupo corresponde dos 35 aos 40 anos de idade para o maior grupo e dos 45 e 50 anos o menor grupo. Dos 42 entrevistados, 13 elementos representam o maior grupo.

3.1.3. Nível académico dos encarregados de educação

Quanto ao nível de instrução dos encarregados de educação, podemos observar na tabela abaixo, que são pessoas bem instruídas, grande parte tem concluído o ensino médio, e a diferença com número de técnicos superiores é ínfima.

Total	Ensino de Base	Ensino Médio	Ensino Superior
28	4	12	12
100%	14%	43%	43%

Tabela nº 7 elaboração própria, 2024

A tabela acima mostra-nos, que dos 28 (100%) pais e encarregados de educação entrevistados, 4 (14%) possuem o Ensino de Base, 12 (43%) possuem o Ensino Médio e 12 (43%) são técnicos superiores.

3.1.4.Nível académico dos Professores

Quanto ao nível de instrução dos professores, podemos constatar que grande parte dos professores tem como nível de formação ensino superior, é uma grande valia para o sector de ensino.

Tabela 8. Grau académico dos Professor

Total	Bacharel	Licenciado	Mestre	Doutor
14	6	8	0	0
100%	43%	57%	0%	0%

Tabela nº8 de elaboração própria, 2024

A tabela acima mostra-nos que dos 14 (100%) professores entrevistados, 6 (43%) são Técnicos Médios, 8 (57%) possuem a licenciatura.

3.1.5.Relação entre o encarregado e o educando

Podemos observar na tabela abaixo, que grande parte dos encarregados de educação são maioritariamente pais e filhos, alguns são sobrinhos e uma pequena parte têm relação de irmãos.

Tabela 9. Relação entre encarregado e aluno

Total	Filho	Sobrinho	Irmão	Neto	Outro
28	20	4	1	3	0
100%	71%	14%	4%	11%	0%

Tabela nº 9 elaboração própria, 2024

A tabela nº 6 apresenta-nos as informações de forma clara, onde podemos observar a distribuição em forma percentual, podemos observar que 71% correspondem a filhos dos entrevistados, ao passo que 4% corresponde a irmãos ou irmãs dos entrevistados, as demais distribuições são sobrinhos com 14% e netos com 11% respectivamente.

3.1.6. Conhecimento sobre dislexia

Com relação ao conhecimento sobre a dislexia por parte dos professores entrevistados, a tabela abaixo apresenta-nos resultados razoavelmente animadores.

Tabela 10. Professores com conhecimento sobre dislexia

Total	Sim	Não
14	9	5
100%	63%	37%

Tabela nº 10 elaboração própria, 2024

A tabela nº 8 mostra-nos o nível de conhecimento dos professores sobre a dislexia, conforme apresenta o gráfico circular, 63% afirmam ter conhecimentos sólidos sobre a doença, ao passo que 37% afirmaram não saberem o que é dislexia.

3.1.7. Nível de conhecimento quanto ao estado do educando

Com relação ao nível de conhecimentos sobre o estado do seu educando, a tabela a baixo apresenta-nos os resultados colhidos aos pais e encarregados de educação.

Tabela 11. Conhecimento sobre o estado do educando

Total	Sim	Não	Não sabe	Talvez
28	8	6	10	4
100%	29%	21%	36%	14%

Tabela nº 11, elaboração própria, 2024

A tabela nº 10 mostra-nos, que dos 28 (100%) pais e encarregados de educação entrevistados, 8 (29%) afirmam que os seus educandos possuem dificuldade de aprendizagem, 6 (21%) afirmam que os seus educandos não possuem dificuldade de aprendizagem, 10 (36%) alegam não saber e 4 (14%) dizem talvez.

3.1.8. Professores que já diagnosticaram dislexia nos alunos

Sobre o diagnóstico de alunos com dislexia por parte dos professores, a tabela abaixo mostra-nos os dados obtidos a partir dos professores inqueridos da referida escola.

Tabela 12. Professores que já diagnosticaram dislexia nos seus alunos

Total	Sim	Não
14	11	3
100%	80%	20%

Tabela nº 12, elaboração própria, 2024

A tabela mostra-nos que 80% dos professores da referida escola já diagnosticaram alunos com dislexia e 20% dizem nunca terem diagnosticado alunos com dislexia. Isso significa que os professores têm estado atentos quanto ao nível de leitura e escrita dos seus alunos, assim sendo, os professores conseguem contornar essa situação, desde que técnicas adequadas sejam aplicadas a fim de mitigar essa situação na escola.

Apenas 20% dos professores dizem nunca terem diagnosticado alunos com problemas de dislexia, talvez por motivos alheios esses nunca perceberam essa situação nas suas respectivas turmas.

3.1.9. Professores capacitados em acompanhamento de alunos com dislexia

Quanto a capacitação dos professores sobre a dislexia, tabela a baixo mostra nos o resultado dos dados obtidos partir dos professores inqueridos.

Tabela 13. Professores com formação sobre dislexia

Total	Sim	Não
14	7	6
100%	53%	47%

Tabela nº 13 elaboração própria, 2024

A tabela mostra que 53% dos professores da escola já tiveram algum treinamento em dislexia, 47% nunca teve treinamento nessa matéria, em termos

vantajosos podemos fazer uma afirmação positiva sobre o grau de instrução dos professores da 3ª classe sobre a dislexia.

3.1.10. Procedimentos metodológicos adequados a serem aplicados

Vamos apresentar as principais ideias metodológicas capazes de mitigar essa situação de alunos com problemas de dislexia.

É preciso pensar de forma clara, simples e pedagógica a fim de darmos ou apresentarmos melhores caminhos que sejam capaz de solucionar e adequar o método de ensino e aprendizagem, de formas a ajudar os alunos com essa situação.

3.1.11. Modelos de aprendizagem com alunos disléxicos

Com relação aos procedimentos metodológicos a serem aplicados, no que tange aos modelos adequados, podemos ver na tabela abaixo os resultados dos dados obtidos a partir dos professores que trabalham com os alunos da 3ª classe da referida Escola.

Tabela 14. Modelo de aprendizagem

Total	Textos adequados ao aluno	Modelo de quebra cabeça	Modelo de caça palavras	Colagem de gravuras em cartolina	Criação de palavras
39	9	4	6	10	10
100%	23%	10%	15%	26%	26%

Tabela nº 14, de elaboração própria, 2024

A tabela nº 1 mostra que nos 5 modelos de aprendizagem apresentados aos professores no questionários, 26% afirmam que a criação de palavras e colagem de gravuras em cartolinas são os métodos adequados para que os alunos com dislexia consigam melhorar a escrita e a leitura, ao passo que 23% dos entrevistados afirmam que textos adequados facilitam na aprendizagem da leitura e escrita, 15% são de opinião de que modelos de caça palavras é o mais adequado para que o aluno com dislexia consiga se adequar e evoluir rapidamente. 10% São de opinião que modelos de quebra cabeça são os modelos apropriados.

3.1.12. Estratégias de ensino com alunos disléxicos

Nas estratégias apresentadas aos professores nos questionários, a tabela abaixo, apresenta-nos os resultados dos dados obtidos dos referidos professores da escola em questão.

Tabela 15. Estratégias de Ensino

Total	Correcção da caligrafia	Leitura orientada	Actividades escritas	Actividades de atenção e concentração	Cópia e leitura
14	2	2	3	4	1
100%	17%	17%	25%	33%	8%

Tabela nº 15, elaboração própria 2024

Nas 5 estratégias apresentadas nos questionários, podemos ver na tabela nº 14, que dos professores entrevistados, 17% optam a estratégia de correcção de caligrafia, 17% optam a estratégia da leitura orientada, 25% optam a estratégia das actividades de escritas, 33% optaram pela estratégia de atenção e concentração e 8% optaram a estratégia de cópias e leituras.

Metodologicamente, os entrevistados consideram que as actividades de atenção e concentração são as mais eficazes para aplicar em termos práticos, a fim de ajudar os alunos com dificuldades em aprendizagem da leitura.

3.1.13. Diagnóstico de aluno com dificuldades de aprendizagem

Ao longo do levantamento de informações inerentes ao diagnóstico feito diante dos professores com relação aos alunos que apresentam dificuldades em aprendizagem, observou-se que maior parte dos entrevistados afirmaram que os alunos apresentam dificuldades em escrita e leitura, e isso afecta directamente no seu desenvolvimento académico.

As entrevistas foram feitas directamente nos professores que ensinam a 3ª classe na referida escola.

Tabela 16. Alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita

Participantes	Nº de participantes	Classe	Escola	Município
Alunos	22	3ª	Ensino Primário nº 1207	Luanda
	100%			

Tabela nº16, de elaboração própria, 2024

De forma a elucidarmos melhor essa informação basta olharmos para a tabela nº 15, observa-se que 45% dos entrevistados afirmaram que os alunos com atraso em aprendizagem têm principalmente dificuldades em escrita e leitura. Assim sendo, a constatação prova nos que os alunos com dislexia têm dificuldades em escrita e leitura.

Tabela 17. Diagnóstico de alunos com Dificuldades

Total	Pânico ao ler em voz alta	Atraso na linguagem falada	Dificuldades em articular as palavras	Dificuldade em ler e escrever	Dificuldade em soletrar
22	2	3	3	10	4
100%	9%	14%	14%	45%	18%

Tabela nº 17, elaboração própria, 2024

Com base no diagnóstico feito, observa-se um grande número de alunos com problemas de dislexia, dos quais 45% dos alunos, segundo a entrevista feita nos entrevistados, e no nosso em concreto são os professores que passam nas turmas desses alunos afirmaram que eles têm problemas em escrita e leitura, também apresentam dificuldades em soletrar com 18%, ao passo que os 9% são alunos que entram em pânico ao fazerem leitura em voz alta.

3.1.14. Idade de alunos com Dislexia

Sobre os alunos diagnosticados com dislexia, a tabela a baixo apresenta-nos de forma simples e clara como esta distribuída o número segundo as idades dos mesmos.

Tabela 18. Idade dos alunos com dislexia

Total	Idades	Idades	Idades
10	8 aos 10	10 aos 12	12 e 14
100%	50%	30%	20%

Tabela nº 18, elaboração própria, 2024

Segundo os dados recolhidos em campo, podemos observar na tabela nº 17, que dos 10 (100%) alunos diagnosticados com dislexia, 50% de alunos com dislexia têm idades compreendidas entre 8 e 10 anos de idade, os alunos com idades entre 10 e 12 anos de idade representam cerca de 30%, e em menor escala estão os estudantes com idades compreendidas entre 12 e 14 anos de idade.

3.1.15. Frequência de alunos disléxicos e não disléxico na mesma turma

A tabela 12 mostra-nos que é possível, os alunos com dislexia e os alunos sem dislexia poderem frequentar a mesma turma, essa afirmação é comprovada segundo a tabela abaixo, essas informações recolhidas no campo aos professores.

Segundo os nossos entrevistados, não existe nenhum problema em alunos com problemas em leitura e escrita frequentarem a mesma turma. Partindo desse pressuposto, podemos considerar que tudo vai depender da capacidade do professor em lidar com alunos com esse problema.

Dos entrevistados, 100% afirma ser possível essa mistura em salas de aulas.

Tabel 19. Disléxicos e não dislexicos podem frequentar a mesma turma

Total	Sim	Não	Talvez	Não sabe
14	14	0	0	0
100%	100%	0%	0%	0%

Tabela nº 19, elaboração própria, 2024

3.2. Análise e Discussão dos Resultados

Depois de apresentarmos os dados de estática na secção acima, nessa temos a possibilidade de os analisar e discuti-los de forma simultânea. Quer dizer, que apresentamos os dados de forma quantitativa e qualitativa.

3.2.1. Nível académico dos encarregados de educação

Quanto ao nível de instrução dos encarregados de educação, podemos observar na tabela nº 6 que, dos 28 (100%) pais e encarregados de educação entrevistados, 4 (14%) possuem o Ensino de Base, 12 (43%) possuem o Ensino Médio e 12 (43%) são técnicos superiores. Isso mostra que são pessoas bem instruídas, grande parte tem concluído o ensino médio, e a diferença com número de técnicos superiores é ínfima. Fica assim provado que têm instrução académica para perceber os meandros no subsistema de educação e os seus factores de desenvolvimento. é pertinente, pois permitiu-nos aferir até que ponto os mesmos têm informações sobre a Dislexia, diagnósticos e possíveis soluções, olhando o conjunto de perguntas que constam no questionário.

3.2.2. Nível académico dos Professores

Quanto ao nível de instrução dos professores, podemos constatar na tabela nº 7, que dos 14 (100%), professores entrevistados, 6 (43%) são Técnicos Médios, 8 (57%) possuem a licenciatura.

Isso mostra que grande parte dos professores tem como nível de formação o Ensino Superior, é uma grande valia para o sector de ensino.

Os dados mostram-nos que temos professores á altura, a licenciatura é o grau mínimo recomendado para que um determinado indivíduo possa leccionar. Fica assim confirmado que os professores apresentam um nível de instrução suficiente para abordar e dar resposta de forma eficaz aos anseios preconizados sobre o tema em questão.

3.2.3. Nível de conhecimento quanto ao estado do educando

A tabela nº 10 mostra-nos, que dos 28 (100%) pais e encarregados de educação entrevistados, 8 (29%) afirmam que os seus educandos possuem dificuldade de aprendizagem, 6 (21%) afirmam que os seus educandos não possuem dificuldade de aprendizagem, 10 (36%) alegam não saber e 4 (14%) diz talvez, existe uma grande dúvida sobre essa fatia da tabela.

Assim sendo, fica difícil para estes saberem como melhorar a situação de dislexia dos seus educando no caso em que estes tenham essa patologia.

Mais grave é a população que nada sabe sobre a situação dos educandos, essa situação nos remete a pensar na situação de forma séria, se os responsáveis desses alunos não sabem se os mesmos são disléxicos ou não, e se a escola não consegue encontrar uma metodologia capaz de aferir o problema, diagnosticar e apresentar soluções, então estaremos diante de um problema mais complexo, ou seja, teremos um estudante com grandes dificuldades de aprendizagem ao longo da sua formação.

3.2.4. Professores com conhecimento sobre dislexia

Sobre o conhecimento sobre a dislexia por parte dos professores, a tabela nº 9 mostra-nos, que dos 14 (100%) professores, 9 (63%) afirmam ter conhecimentos sólidos sobre a doença, ao passo que 5 (37%) afirmam não saber o que é dislexia.

Partindo dessas afirmações, podemos aferir que os professores estão preparados para dar suporte e resposta ao assunto, caso se deparem com a tal realidade nas salas de aula.

3.2.5. Professores capacitados em acompanhamento de alunos com dislexia

Quanto a formação sobre dislexia, a tabela nº 12 mostra-nos que dos 14 (100%) professores da escola entrevistados, 7 (53%) já tiveram algum treinamento sobre dislexia e 6 (47%) nunca tiveram treinamento nessa matéria.

Com base nestes dados, em termos vantajosos, podemos fazer uma afirmação positiva sobre o grau de instrução dos professores da 3ª classe sobre a dislexia.

Esse resultado é positivo, na medida em que mais da metade dos professores dominam o problema de leitura e escrita no nível terciário de ensino. Isso vai fazer com que os professores tenham algum tempo para pensarem em métodos adequados, capazes de tornar o sistema de leitura e escrita simples para os alunos com tal dificuldade.

3.2.6. Professores que já diagnosticaram dislexia nos alunos

Sobre o diagnóstico de alunos com dislexia por parte dos professores, a tabela nº 11 mostra-nos que dos 14 (100%) professores inqueridos, 11 (80%) já diagnosticaram alunos com dislexia e 3 (20%) dizem nunca terem diagnosticado alunos com dislexia.

Desta forma os professores têm estado atentos quanto ao nível de leitura e escrita dos seus alunos, assim sendo, os professores conseguem contornar essa situação, com técnicas adequadas, aplicadas a fim de mitigar o problema.

3.2.7. Procedimentos metodológicos adequados a serem aplicados

Vamos apresentar as principais ideias metodológicas capazes de mitigar a situação de alunos com problemas de dislexia.

3.2.7.1. Modelos de aprendizagem com alunos disléxicos

Em relação aos procedimentos metodológicos a serem aplicados, no que se refere aos modelos adequados de aprendizagem, podemos ver na tabela nº 13 que nos 5 modelos de aprendizagem apresentados aos professores nos questionários, dos 14 (100%) professores, 9 (23%) afirmam que o modelo de textos é um dos modelos adequado, 4 (10%) optam também o modelo de quebra cabeça, 6 (15%) optam o modelo de caça palavras, 10 (26%) optam o modelo de colagem de gravuras em cartolinas e igualmente 10 (26%) optaram também o modelo de criação de palavras.

Em conformidade com os resultados apresentados na tabela nº 13, podemos aferir que a criação de palavras e a colagem de gravuras são os principais modelos que podem ser adoptados para que os alunos com dislexia tenham um rendimento académico favorável.

3.2.7.2. Estratégias de ensino com alunos disléxicos

Nas 5 estratégias apresentadas nos questionários, podemos ver na tabela nº 14, que 14 (100%) dos professores, 2 (17%) optam pela estratégia de correcção de caligrafia, 2 (17%) optam pela estratégia da leitura orientada, 3 (25%) optam pela

estratégia das actividades de escritas, 4 (33%) optaram pela estratégia de atenção e concentração e 1 (8%) optaram pela estratégia de cópias e leituras.

Com base nos resultados obtidos na tabela nº 1, somos de opinião que se implementem estratégias de ensino ligadas às actividades de atenção e concentração, pelo facto de a maior parte dos entrevistados terem sugerido com 33% a favor, a seguir podemos implementar estratégias de actividades de escrita com 25% de aprovação.

Cabe ao professor ser criativo a fim de adaptar essas estratégias de ensino, visto que, em termos de metodologias de ensino somam maior pontuação.

3.2.8. Diagnóstico de aluno com dificuldades de aprendizagem

Quanto ao diagnóstico de alunos com dificuldades de aprendizagem, a tabela nº 16 mostra-nos os resultados dos dados levantados diante dos professores que dos 22 (100%) alunos diagnosticados com dificuldades de aprendizagem, 2 (9%) apresentam pânico ao ler em voz alta, 3 (14%) apresentam atraso na linguagem falada, 3 (14%) apresentam dificuldades em articular as palavras, 10 (45%) apresentam dificuldades na leitura e na escrita e 4 (18%) apresentam dificuldades em soletrar.

Com base no diagnóstico feito, observa-se um grande número de alunos com problemas de dislexia, dos quais 45% dos alunos, segundo a entrevista feita nos entrevistados e no nosso, em concreto, são os professores que passam nas turmas desses alunos que afirmaram que eles têm problemas na escrita e na leitura.

Com relação a idade dos alunos com dislexia, segundo os dados recolhidos em campo apresentados na tabela nº 17, podemos observar, que dos 10 (100%) alunos diagnosticados com dislexia, 5 (50%) dos alunos têm idades compreendidas entre 8 e 10 anos de idade, 3 (30%) dos alunos têm entre 10 e 12 anos de idade, e em menor escala estão os 2 (20%) dos estudantes com idades compreendidas entre 12 e 14 anos de idade. Estes já são mais crescidos, o que implica que nessa idade já tenha superado as dificuldades com a leitura e escrita. Depois dos 9 anos, o aluno já começa dar passos. Observa se também no gráfico que os alunos que já têm uma

idade acrescida apresentam menor dificuldade em dislexia, estes correspondem 20% segundo análise do gráfico 17.

Essa realidade poder ser também o de outras escolas do mesmo escalão e com alunos da mesma classe.

3.2.9.Frequência de alunos disléxicos e não disléxico na mesma turma

Em relação a frequência de alunos disléxicos nas turmas com alunos não disléxicos, a tabela nº 18 mostra-nos que é possível os alunos com dislexia e os alunos sem dislexia frequentarem a mesma turma. Essa afirmação é comprovada nas informações recolhidas no campo aos professores

Assim, pressuposto, podemos considerar que tudo vai depender da capacidade do professor em lidar com alunos com tal dificuldade.

CONCLUSÃO

Depois de uma abordagem profunda, análise e interpretação dos resultados obtidos por meio do questionário, de acordo com a pergunta de partida colocada, as hipóteses levantadas e os objectivos traçados foram alcançados.

Deste modo, cumpre-nos realçar que a nossa pesquisa pretendeu comprovar as seguintes Hipóteses:

- Para melhorar o processo de ensino-aprendizagem da leitura a alunos com dislexia na 3ª classe, da Escola Primária nº 1207 do Município de Luanda é necessário que os professores tenham formação específica em ensino primário ;
- É imprescindível adaptar os conteúdos das aulas à realidade do aluno com dislexia;
- Acompanhar rigorosamente as tarefas dos alunos com dislexia para o aprimoramento ao grau de aprendizagem.

Durante a realização do trabalho, no suporte teórico observou-se o quanto é importantes o apoio e uso de recursos didácticos diferenciados na actividade docente com alunos que têm dificuldades em aprendizagem e o investimento ao nível da consciência fonológica para uma maior fluência ao nível da leitura e escrita.

Ficou patente com base nos resultados da pesquisa, que os alunos disléticos e não disléticos podem estudar na mesma turma. Partindo desse pressuposto, podemos considerar que tudo vai depender da capacidade do professor em lidar com alunos com essa dificuldade. Logo, o professor tem um papel preponderante no desenvolvimento da criança, bem como em conseguir observar, avaliar e referenciar uma criança com dislexia. Deve ser orientador e facilitador de aprendizagens, gerindo e adaptando o currículo às necessidades do aluno.

RECOMENDAÇÕES

É nas salas de aula que a dislexia se faz presente, e muitas das vezes de forma catastrófica e irreparável, no sentido que a falta de conhecimento sobre esta temática pode ocasionar danos psicológicos, pois a criança disléxica pode ser alvo de preconceitos, de carregar estigmas e levar a evasão escolar. Nisso a avaliação da aprendizagem com o aluno disléxico deverá ser feita num tempo maior que dos outros alunos. A leitura poderá ser feita pelo professor que poderá tirar as dúvidas, quanto à grafia das palavras. Deve-se avaliar esse aluno de acordo com o seu conhecimento e não pelas dificuldades e erros ortográficos cometidos.

É fundamental que o professor esteja motivado a exercer as suas funções de forma eficiente, pedagógica e equilibrada, tendo em atenção as diferentes personalidades que os alunos apresentam. O professor também deve lembrar-se de manter boa relação com os familiares desses alunos. A família pode e deve estimular seus filhos em casa, através de leituras, iniciando com narração de histórias infantis, estimulando com brincadeiras do tipo jogos de rimas, que ajudam na consciência fonológica, jogos com letras e desenhos. Isso faz com que a criança rapidamente consiga se familiarizar com a leitura e escrita. Todo aluno necessita de atenção especial do corpo docente, e com o aluno disléxico essa atenção precisa ser redobrada.

Com base no acima mencionado, recomendamos o seguinte:

- i. O Ministério da Educação deve fomentar e capacitar de forma frequente os professores que leccionam nos níveis da iniciação, sobretudo em matéria relacionada à dislexia. Isso vai permitir o professor ter ferramentas adequadas para lidar com problemas do género.
- ii. É necessário que exista uma relação bidimensional entre os familiares de alunos com dislexia e as instituições de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carreira, F. K. (2016). *Reflexões sobre dislexia e O papel do professor*. SP.

Ferreira, P. I. (2019). *Estratégias de intervenção na dislexia: O papel do professor*. Coimbra.

Gill, J. A. (2018). *Metodos e procedimentos para trabalhos de tcc*. Porto.

Gonçalves, M. A. (10 de março de 2019). A dislexia no ensino fundamental. *Acervo Científico*.

Junior, J. M. (2015). *Como escrever trabalhos de conclusao de curso*. SP: editora Vozes.

Junior, J. M. (2015). *Como escrever trabalhos de conclusão de curso*. Brasil.

Junior, M. J. (2015). *Como escrever trabalhos de conclusao de curso*. SP.

Kapitiya, F. (2014). *Abc de Monografia Cientifica. Noções de estudo, trabalho de curriculo, monografia, dissertação, tese e livro*. Benguela.

Morais, B. A. (2012). *Crianças com dificuldades de aprenderem a escrita e leitura, nova abordagem*. SP.

Silva, A. S. (18 de janeiro de 2021). Transtornos Específicos de Eprendizagem Relacionados.

Simões, J. B. (2020). Transtornos Específicos de Aprendizagem Relacionados. em A. S. Silva. SP.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DIRIDO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

1. **Sexo**

Masculino ()

Feminino ()

2. **Idade**

Entre 30 e 35 anos ()

Entre 35 e 40 anos ()

Entre 40 e 45 anos ()

Entre 45 e 50 anos ()

3. **Grau académico**

Ensino de Base ()

Ensino Médio ()

Ensino Superior ()

4. **Estado Civil**

Solteiro ()

União de facto ()

Casado ()

Viúvo ()

5. **Qual a relação com o educando?**

Filho ()

Sobrinho ()

Irmão ()

Neto ()

Outro ()

6. **Sabe o que é DISLEXIA**

Sim ()

Não ()

7. **O educando sofre de Dislexia?**

Sim ()

Não ()

Não sabe ()

Talvez ()

QUETIONÁRIO DIRIGIDO AOS PROFESSORES

1. Sexo

Masculino ()

Feminino ()

2. Idade

Entre 30 e 35 anos ()

Entre 35 e 40 anos ()

Entre 40 e 45 anos ()

Entre 45 e 50 anos ()

3. Tempo de serviço como docente

Menos de 5 anos ()

Entre 5 e 10 anos ()

Entre 10 e 15 anos ()

Entre 15 e 20 anos ()

Mais de 20 anos ()

4. Grau de Escolaridade

Técnico Médio ()

Licenciatura ()

Mestrado ()

Doutorado ()

5. Sabe o que é dislexia?

Sim ()

Não ()

6. Ao longo da sua carreira já teve alunos com problemas de dislexia?

Sim ()

Não ()

7. Durante a sua formação profissional teve algum treinamento sobre dislexia?

Sim ()

Não ()

8. **Quais seriam os procedimentos metodológicos adequados a serem aplicados para melhorar esse quadro?**

Textos adequados ao nível ()

Modelos de quebra-cabeça ()

Modelos de caça-palavras ()

Colagem de gravuras em cartolinas ()

Criação de palavras ()

Outros ()

Considera eficaz as estratégias metodológicas aplicadas pelo sistema de ensino nas Escolas do Ensino Primário?

9. **Alunos com dislexia frequentarem a mesma turma com alunos sem essa dificuldade?**

Sim ()

Não ()

Talvez ()

Não sei ()

10. **Alunos com dislexia têm o mesmo número de horas com alunos sem essa dificuldade?**

Sim ()

Não ()

Talvez ()

Não sei ()

11. **Alunos que apresentam certo grau de dislexia (idades)**

Entre 8 e 10 anos ()

Entre 10 e 12 anos ()

Entre 12 e 14 anos ()

12. **Qual é o nível de relação entre os encarregados de educação dos alunos com dislexia e os professores?**

Bom ()

Mau ()

Suficiente ()

13. **Estratégias a adaptarem com alunos que tem problemas de dislexia**

Correcção da caligrafia de forma individual ()

Leitura em voz alta e orientada ()

Actividades de escrita diária ()

Desenvolver actividades de atenção e concentração ()

Actividades de cópias e leituras constantes em casa ()

14. Na nossa lei de base do sistema de educação existe alguma secção que faz abordagem sobre alunos com dislexia?

Sim ()

Não ()

Não sei ()

Talvez ()

15. Diagnóstico de alunos com dislexia. Preencher em função ao maior número de alunos com dificuldades nessa área

Pânico ao ler em voz alta ()

Atraso na linguagem falada ()

Dificuldades em articular as palavras ()

Dificuldades em escrita e leitura ()

Dificuldades em soletrar ()

APÊNDICE